

Dinâmica econômica e organização territorial da Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul

Patrícia Helena Milani¹
Edima Aranha da Silva²

Resumo: O trabalho consiste em resultados parciais de uma pesquisa acerca da dinâmica territorial da rede urbana entre os municípios que compõem a Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul. O estudo teve como objetivos i) analisar as mudanças das atividades econômicas entre as cidades da rede e ii) analisar a forma que o capital industrial atua na organização e gestão do território. Os procedimentos teóricos metodológicos basearam-se em estudos bibliográficos pertinentes a pesquisa, pesquisa no banco de dados da FIEMS (Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul), mapeamento do recorte espacial em estudo e dos fluxos materiais e imateriais que se delineiam entre os países que possuem filiais do Grupo Votorantim. Verificou-se a partir das análises do trabalho que a região em estudo passa por intensas mudanças no que concerne às atividades econômicas, as quais são responsáveis pela nova organização e dinâmica territorial dos municípios.

Palavras-chave: Território; Atividades Econômicas; Rede.

Dinámica econonómica y organización territorial de la Mesorregião Este de Mato Grosso do Sul

Resumen: La obra consta de los resultados parciales de una encuesta sobre la dinámica del territorio urbano entre los municipios que conforman la Región del Este de Mato Grosso do Sul. El estudio tuvo como objetivo i) analizar los cambios en las actividades económicas entre las ciudades de la red y II) examinar la forma en que opera la organización en la capital industrial y gestión de la tierra. Los procedimientos metodológicos se basan en estudios teóricos de investigación bibliográfica pertinente, buscar en la base de datos de Fiems (Federación de Industrias del Estado de Mato Grosso do Sul), la cartografía de la zona espacial en estudio y los flujos de materiales y los materiales que delimitan entre los países tienen sucursales del Grupo Votorantim. Se encontró en el análisis de la obra que el área de estudio fue el escenario de sucesivos cambios en el marco de las actividades económicas, que son responsables de la organización y la dinámica de los municipios locales.

Palabras Clave: Territorio, Actividades Económicas, Red.

INTRODUÇÃO

¹Mestranda em geografia pela UFMS/CPTL, campus de Três Lagoas.

²Profª adjunta do curso de Geografia da UFMS/CPTL, campus de Três Lagoas.

O presente trabalho consiste em resultados de uma pesquisa acerca da dinâmica territorial da rede urbana da Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul (Figura 1), que visa compreender como as atividades econômicas atuam no processo de organização e (re) organização territorial dessa região.

A rede urbana no bojo do processo de urbanização passou a ser o meio pelo qual a produção, circulação e consumo se realizam efetivamente, sendo um conjunto de centros/cidades funcionalmente articulados entre si.

A partir do momento em que há a interrelação e articulação entre núcleos urbanos, tem-se a estrutura de uma rede, ainda que com maior ou menor intensidade (CORRÊA, 2006).

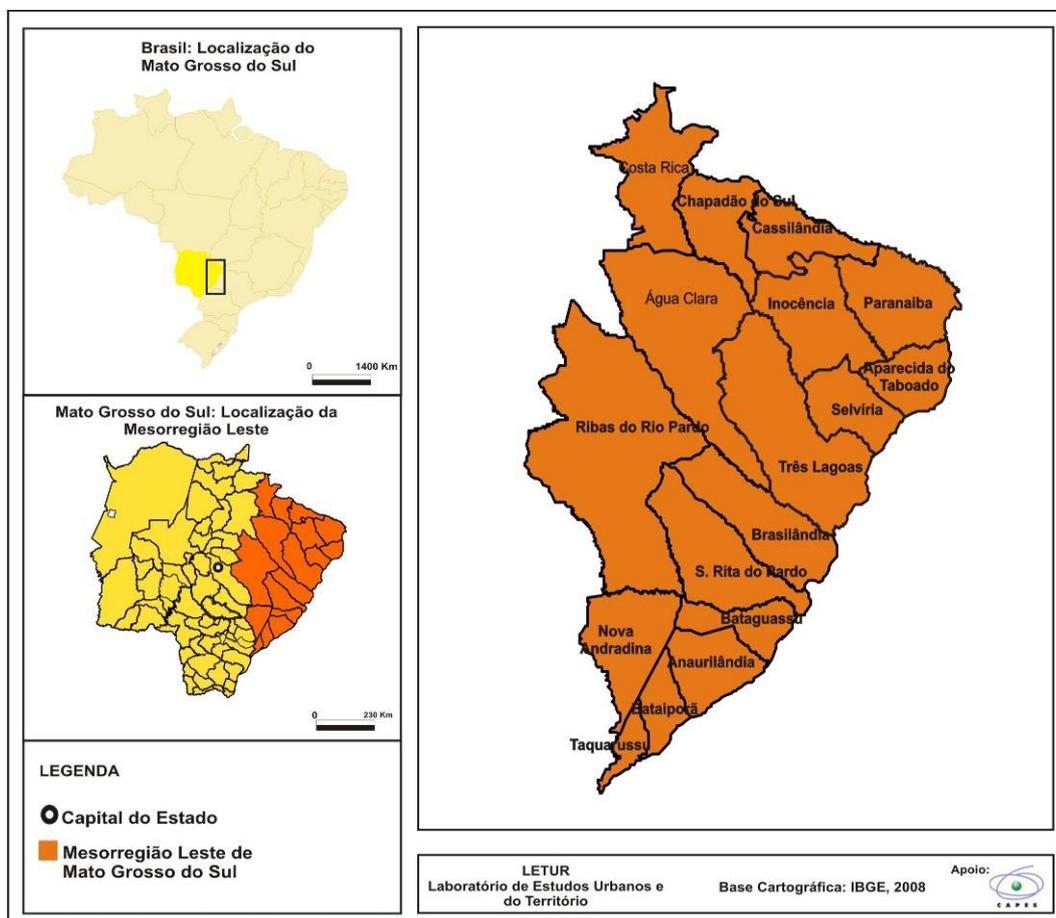


Figura 1: Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul
Organização: MILANI, Patrícia Helena, 2010.

Objetivou-se neste trabalho: i) analisar o processo de mudanças das atividades econômicas até os dias atuais (2010) com a intensificação do setor industrial e ii) evidenciar a forma como a indústria atua na organização e

gestão do território, utilizando duas corporações que se instalaram na região: Fibria Celulose e Papel e Cargil produtora de óleo de soja e derivados.

O aporte teórico metodológico pautou-se em: Gomes (1995), que estudou a expansão da atividade leiteira na região do Bolsão de Mato Grosso do Sul; Aranha-Silva (1992), que estudou a interação do rural e urbano em Três Lagoas; Corrêa (1991, 1992 e 2006), cujos dois primeiros trabalhos analisam como as grandes corporações atuam no espaço e o terceiro faz uma retrospectiva dos estudos sobre rede urbana, bem como encaminhamentos para posteriores estudos nessa temática; Dias (1995), que fala sobre a organização espacial das redes e por fim Limonad (2007), que aborda a urbanização na era dos fluxos e redes.

Realizaram-se levantamentos das indústrias instaladas em Mato Grosso do Sul por meio do Cadastro Industrial FIEMS 2009 (Federação das Indústrias e Empresas de Mato Grosso do Sul), e mapeamento dos seus fluxos materiais e imateriais no território, que delineiam as redes de cidades que estão envolvidas no processo de produção industrial.

REDE URBANA E PERIODIZAÇÃO

A abordagem das primeiras relações entre as cidades que compõem a rede torna-se relevante, na medida em que auxilia a compreensão da forma e dinâmica atual dos núcleos urbanos.

Partindo do pressuposto de que assim como as relações políticas e culturais, as econômicas exercem influência na organização territorial das cidades, fez-se a periodização da rede de cidades da Região Leste de Mato Grosso do Sul.

A periodização da rede condiz com o levantamento de informações referentes a acontecimentos que marcaram períodos, sendo alguns deles responsáveis por mudanças na dinâmica territorial da região.

Consistem na diferenciação de tempos históricos, espacialização da história, sequência de tempos, sendo a rede marcada por períodos de crescimento econômico e estagnação, bem como a articulação entre períodos que nos permitem reconhecer tempos que sejam relevantes (SPOSITO, 2007).

Depois de realizar a periodização é possível particularizar o papel que as cidades desenvolvem e desempenham, bem como a importância que possuem no contexto regional.

O primeiro período de formação da rede urbana na Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul equivale ao momento da construção da Estrada de Ferro Noroeste Brasil, concluída em 1910, que fez as primeiras ligações por meio da rede material entre os municípios já consolidados no período, dentre eles Paranaíba, de 1857, que representou a cidade primaz nas primeiras relações da rede.

A finalização da construção da ferrovia colaborou para o início da formação de algumas cidades da região, sendo Três Lagoas, Água Clara e Ribas do Rio Pardo, a partir do adensamento de comércios e serviços prestados aos trabalhadores da obra.

A ferrovia representou o empreendimento econômico que impulsionou a necessidade de outros empreendimentos comerciais que se instalaram na região, pela necessidade de uma nova demanda, os trabalhadores, que permaneciam temporariamente nos locais de trabalho.

No final da década de 1960 iniciaram-se as construções das Usinas Hidrelétricas no Rio Paraná, que impulsionaram o crescimento de algumas cidades.

A primeira a ser instalada foi a UHE Eng^o Souza Dias, que se finalizou no ano de 1974, localizada entre os municípios de Três Lagoas e Castilho-SP. Para a construção da usina se instalaram em Três Lagoas centenas de trabalhadores, que assim como no período de instalação da ferrovia necessitavam de alguns serviços na cidade, a qual teve que passar por processo de estruturação para atender a essa nova demanda.

Nos anos de 1978 e 2003 houve a instalação da UHE Ilha Solteira e UHE Eng^o Sergio Motta, localizadas entre os municípios de Selvíria e Ilha Solteira-SP, Bataiporã e Rosana-SP, respectivamente, que ocasionaram efeitos sociais e ambientais relevantes para as cidades, resultando em uma nova (re) organização territorial desses municípios.

A partir dos anos de 1990, com a intensificação do processo de desconcentração industrial no país, algumas cidades da região receberam a

instalação de capital industrial, que passaram por uma refuncionalização de seu território.

O desenvolvimento das técnicas de comunicação e informação intensificou o processo de dispersão produtiva.

Os processos socioespaciais são geograficamente localizados: crescente reorganização e rediferenciação no território, que se dão pelo movimento contínuo de realocação das atividades produtivas e redistribuição espacial da população (LIMONAD, 2007, p. 146).

A localização e (re) localização das indústrias no território não ocorrem de forma homogênea em todos os lugares, pois há a seletividade espacial, baseada em incentivos e amenidades dos locais.

Especificamente a cidade de Três Lagoas recebeu a partir dos anos de 1990, incentivos fiscais para a instalação de indústrias, além de possuir atrativos como: posição estratégica, vias e formas de circulação com transporte multimodal - BR-262, Ferrovia ALL e navegação Tietê-Paraná, que contribuíram para a efetivação da reprodução do capital.

Ainda que a cidade já detivesse denso volume de mão de obra, as instalações atraíram pessoas oriundas de outras localidades, tanto para a construção civil das fábricas, seja mão de obra qualificada como engenheiros, químicos, como trabalhadores não qualificados, dentre outros.

Nesse contexto também se verificam mudanças no campo, pois a atividade da pecuária vem sendo substituída pela plantação do eucalipto, matéria prima que abastece as duas indústrias de papel e celulose instaladas no município.

A cidade, o campo e a rede urbana tendem a ser refuncionalizados, conforme as necessidades do capital. Mediante isso que a relação entre rede urbana e formação espacial é complexa: uma rede pode exibir características associadas aos diversos momentos da formação em que está inscrita, ou das diversas formações espaciais a que esteve associada.

A cidade e, por extensão, a rede urbana, por menor que seja, apresenta formas dotadas de grande fixidez e, por isso mesmo, apresentando uma

relativamente grande capacidade de refuncionalização. Por meio desta e da continuidade do processo de criação de novas funções e suas correspondentes formas – próprias das formações espaciais capitalistas -, a cidade e a rede urbana reatualizam-se, possibilitando a coexistência de formas e funções novas e velhas (CORRÊA, 2006, p. 208).

As cidades pólos regionais inseridas na formação espacial da grande propriedade são desenvolvidas a partir da densa drenagem de lucro do campo para a cidade, possuem serviços especializados, a elite dessas cidades reside em condomínios fechados, enquanto se delineiam as periferias miseráveis, com ausência de serviços urbanos básicos.

A partir da metodologia proposta por Corrêa, ao periodizar a rede em estudo, verificou-se a concretização de três fatores já elencados no início do texto e que são tidos pelo autor, como inseparáveis nos estudos de rede.

A mecanização do campo expulsou o trabalhador que passou a residir nas cidades e a pagar altos custos por produtos que antes ele mesmo produzia. Outra face dessa exploração se revela quando esse trabalhador não consegue emprego na cidade e retorna ao campo como trabalhador temporário, mas residindo na cidade.

A divisão territorial do trabalho se intensifica com a migração de centenas de trabalhadores para as cidades em processo de industrialização, sejam eles para trabalharem apenas na construção civil, ou permanecem durante um maior período, sendo mão de obra qualificada.

Dessa forma verifica-se que as cidades são marcadas por períodos de opacidade e luminosidade e o que define a duração desses períodos é a compleição do capital.

A partir das mudanças de funcionalidade das cidades que elas são hierarquizadas, na medida em que há a presença ou não de capital no território. Para Arroyo (2006), nem todas as frações do território coincidem com essas áreas de atuação das firmas mais poderosas.

Os lugares em que obtém a ação das grandes corporações tornam-se pontos mais complexos, com maior divisão técnica e social do trabalho.

Partindo do pressuposto que o excedente é acima de tudo um fluxo (SANTOS, 1979), quanto maior for o excedente, maior também será a circulação dos fluxos. É partindo dessa premissa que Arroyo (2006) assegura

que por haver circulações diferenciadas cria-se uma hierarquia entre os lugares e ainda complementa:

Como as formas de utilização do excedente são decididas ora pelas empresas, ora pelo Estado (que muitas vezes representa aquelas, e não a sociedade como um todo), essa hierarquia está em permanente mudança, em função das estratégias definidas por esses agentes, ao passo que a procura de lugares mais rentáveis por parte das empresas será uma constante. (1979, p.77)

Isso ocorre, pois no sistema capitalista de produção o excedente torna-se lucro e as possibilidades de ganhos são diferentes dos diversos territórios, os quais sofrem adequações, não de ordem naturais, mas adequações construídas, que facilitam a obtenção de lucros para as empresas. Assim, a produtividade espacial revela a existência de uma hierarquia de lugares, criada e recriada em função de um movimento que é nacional e mundial (ARROYO, 2006, p. 78).

INDUSTRIALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL

As atividades econômicas interferem na organização e na dinâmica territorial de uma região, na medida em que são consumidoras e produtoras de espaços, constituem agentes econômicos gestores do território. Na atual fase do capitalismo destacam-se as grandes corporações, as quais por meio desse controle garantem sua reprodução, uma vez que:

A gestão do território constitui uma faceta da gestão econômica, política e social [...]. É a dimensão espacial do processo geral de gestão, confinando o espaço sob o controle de um estado, empresa ou grupo social. (CORRÊA, 1992, p. 115)

As grandes corporações apresentam características comuns, pois são multifuncionais e multilocalizadas, ou seja, uma única corporação, com

unidades pulverizadas no território, produz dezenas de produtos finais para assim não correr o risco de entrar em colapso com uma suposta crise econômica, em que um produto possa por ventura perder o valor de troca.

No ano de 2007, com a instalação em Três Lagoas da indústria fabricante de papel e celulose, a Fibria (resultado da fusão VCP e Aracruz, em 2009, ocupando 2,1 milhões de metros quadrados- 200 ha), o Parque Industrial de Três Lagoas vem se consolidando e atraindo ainda mais empreendimentos.

Essa corporação expressa a conjuntura de controle territorial e concentração de operações em diversos setores da economia (holding) como: cimento, mineração, metalúrgica, siderurgia, celulose e papel, sucos, entre outros, cujas atividades ocorrem em território global.

A Tabela 1 mostra os países de atuação desse grupo e, por conseguinte, a Figura 2 revela a espacialização dessa rede de relações materiais e imateriais, entre os países que possuem filiais da empresa.

Tabela 1: Área mundial de atuação da corporação
Votorantim, 2010

América do Norte	Bahamas
	Canadá
	Estados Unidos
América do Sul	Argentina
	Bolívia
	Brasil
	Colômbia
	Peru
Europa	Bélgica
	Inglaterra
	Suíça
	Áustria
Oceania	Austrália
Ásia	China

Fonte: Grupo Votorantim, 2010.



Figura 2: Espacialização da rede de atuação do Grupo Votorantim

Fonte: Votorantim, 2010.

Organização: MILANI, Patrícia Helena, 2010.

De acordo com Almeida (2010), o modelo celulose-papel atua em redes geográficas, subordinadas a produção, processamento, comercialização e distribuição via internacionalização do trabalho.

As mudanças territoriais decorrentes da alteração da atividade econômica podem ser verificadas na Tabela 2, a qual revela que do ano de 2005 a 2007 teve um aumento do plantio de eucalipto de 83% no Estado de Mato Grosso do Sul, sob controle da Fibria, unidade sediada em Três Lagoas, sendo que 235.441,75 ha pertencem a Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul, que comprova as mudanças na dinâmica territorial visando atender às necessidades do capital.

Tabela 2: Expansão do plantio (em ha) de eucalipto no BR e no MS, 2005-2007.

Eucalipto	2005	2007	%
Brasil	3.407.204ha	3.751.867ha	10,1%
MS	113.432ha	207.687ha	83,1%

Fonte: Almeida, 2010

A multilocalidade da corporação deriva uma densa rede de localizações do grupo pelo mundo. Esse controle que exerce sobre os territórios mundiais é a forma que a corporação consegue garantir a acumulação de capital para a reprodução de suas condições de produção.

Em seus estudos sobre os reflexos das necessidades das corporações sobre o espaço, Corrêa (1992) destaca cinco práticas frequentes desses grupos, os quais agem de forma a garantirem o poder sobre determinado espaço.

A seletividade espacial consiste em uma prática em que as corporações se instalam somente em locais que atendam aos seus interesses, dentre eles destacam-se: proximidade com a matéria prima, acesso ao mercado consumidor final e às fontes de energia, presença de porto, vantagens fiscais, dentre outros. Esses consistem em fatores que exercem atratividade sobre os empreendedores.

As empresas avaliam os subsídios e os resultados finais, para assim realizar a seletividade dos lugares, que ofereçam mais rentabilidade. Por conseguinte, a fragmentação/remembramento espacial torna-se uma prática constante, de modo a garantir o poder de atuação das corporações, a partir do momento em que o espaço se submete a essas duas práticas.

A fragmentação consiste na divisão espacial, ou seja, da capacidade de mobilização das empresas, que resulta no fechamento de unidades e abertura de outras, de forma acelerada, ocasionando opacidade e luminosidade aos lugares. Por outro lado, a diminuição da oferta de produção pode gerar o remembramento, ou seja, fecham-se unidades com menos produção e ampliam outras, de forma que o espaçamento entre elas aumenta.

A antecipação espacial consiste em outra prática espacial frequente das corporações, qual seja, realiza a reserva de território, de forma que isso garanta uma dada porção do território, o que representa ampliação do campo de atuação e mais uma vez garante a reprodução do seu espaço de produção.

Assim, a expansão do plantio de eucalipto, matéria prima para a produção de celulose, se dá em alguns anos antecedentes à implantação física da indústria, de forma a garantir mais tarde a instalação.

A partir da compreensão das lógicas funcionais e locacionais das grandes empresas, que seguem a lógica do sistema capitalista de produção, vê-se a ferocidade das ações, uma vez que seus interesses se sobrepõem aos interesses locais.

Nessa perspectiva, as corporações executam outra prática espacial, denominada por Corrêa (1992) de marginalização espacial, devido às mudanças locacionais, que se dão pelo processo simultâneo de abertura de novas unidades e fechamento de outras, decorrente da diminuição de atratividade em territórios, que em outro período beneficiava a reprodução do capital.

Por fim, depreende-se que a reprodução da região produtora é mais uma prática espacial, uma vez que as ações das corporações tendem a se reproduzirem com a instalação de usinas de beneficiamento, filiais de venda e depósitos atacadistas. Isso ocorre para garantir o controle do espaço que já dispõe de outras empresas instaladas.

A multinacional americana Cargil, consiste em um exemplo, por possuir uma indústria de esmagamento da soja em Três Lagoas e mais oito unidades de recebimento de grãos em outras áreas de produção agrícola do Estado de Mato Grosso do Sul (FIEMS, 2009).

As práticas espaciais desenvolvidas pelas corporações são as estratégias usadas para a gestão do território, exercendo o controle do local onde atua, principalmente a partir da II Guerra Mundial, quando as empresas passaram a ser importantes agentes produtores e consumidores de espaço na sociedade capitalista.

Verifica-se que a instalação dessas duas corporações no território brasileiro é resultante de um sistema que ultrapassou sua fase concorrencial, e, nessa perspectiva Corrêa (1991) assegura que existe a atuação do capital produtivo, o qual tende a levar as atividades produtivas para os países periféricos, de forma que eles se envolvam na economia mundial.

Ademais, a instalação especificamente em território sul mato-grossense, deve-se aos incentivos econômicos que viabilizam suas instalações, de forma que:

[...] a escala de suas atividades e o poder econômico e político que possuem, as grandes corporações têm seu processo de acumulação viabilizado pelo Estado, que tem assumido o papel de implantar parte da infra-estrutura [...], e mesmo produzir certos bens de capital, diminuindo seus investimentos em um capital constante, cuja remuneração é lenta (CORRÊA, 1991, p. 140).

Partindo do pressuposto de que a sociedade capitalista é formada por classes sociais desiguais, a organização do espaço também é desigual, sendo reflexo dessas relações. E ainda, considerando a gestão do território um instrumento de reprodução da sociedade, a gestão torna-se uma ferramenta de reprodução dessas desigualdades. Assim, a grande corporação contribui decisivamente para a manutenção, o desfazer e o recriar das desigualdades espaciais.

A atuação da corporação no espaço se dá pelas práticas espaciais supramencionadas, bem como pelo seu poder político/econômico que exerce sobre o espaço.

Outra forma de atuação de empresas na organização espacial se dá pela compra da força de trabalho, que pressupõe um processo migratório, bem como outra dimensão espacial do ciclo de reprodução do capital. E nessa perspectiva outros centros urbanos, não incluídos entre aqueles onde a produção física se realiza, são acrescentados à rede de lugares da corporação, ampliando sobremaneira, o seu espaço.

Tomando-se como exemplo, o plantio de eucalipto e soja em alguns municípios da Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul, que não possuem indústrias fisicamente implantadas em seu território, porém partes das terras que eram utilizadas para a pecuária, com os empreendimentos industriais, essas terras são empregadas para o plantio do eucalipto, modificando não somente a paisagem, mas toda a dinâmica socioespacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os determinantes da organização espacial são múltiplos, uma vez que a cultura, as relações sociais e políticas se interagem nesse ordenamento. Contudo, o trabalho destacou o papel das grandes corporações como agentes produtores e consumidores do espaço, logo atuantes na sua organização e gestão.

Sua natureza multifuncional e multilocalizada resulta da expansão do capital pelo mundo, tendo presença física em diversos lugares e poder político/econômico sobre essa localidade, revelando-se com importante agente gestor do território.

Os movimentos dialéticos se dão pelas práticas espaciais dessas corporações: seletividade espacial; fragmentação/remembramento; antecipação espacial; marginalização; e por fim, a reprodução da região produtiva transforma a dinâmica dos lugares, agregando ou desagregando valores, fato que depende se há ou não o atendimento aos interesses das próprias empresas, as quais objetivam, acima de tudo, maximizar os lucros por meio de amenidades encontradas em determinados lugares.

Na Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul a pecuária era a principal atividade econômica até a intensificação do processo de industrialização de alguns municípios, resultando em alterações na dinâmica socioeconômica não somente dos que receptaram os investimentos industriais, mas também os localizados ao entorno.

Da lógica do capital deriva algumas práticas espaciais, sendo: i) seletividade espacial; ii) fragmentação/remembramento; iii) antecipação espacial e iv) reprodução da região produtora, estas consistem em ferramentas para atingir maior rentabilidade.

Da necessidade de obtenção de lucro deriva a multilocalização das corporações, que deslocam as unidades de produção, principalmente para os países periféricos, por terem maiores facilidades. Contudo, a estrutura administrativa dessas empresas é dividida em níveis: sendo o mais elevado o nível que executa as atividades de planejamento em longo prazo, que podem ser exercidas nas metrópoles nacionais ou cidades globais, estabelecendo uma estrutura hierárquica entre os lugares do mundo e derivando uma organização espacial estruturada em redes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. A territorialização do agronegócio do eucalipto na Região Leste de Mato Grosso do Sul e os impasses à reforma agrária. In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010. *Anais*. Porto Alegre, CD-ROM (Artigo Completo).

ARANHA SILVA, Edima. *Três Lagoas: uma interpretação do rural com o urbano*. Presidente Prudente: UNESP, 1992. (Dissertação de Mestrado).

_____. Redes geográficas: espaço da transação e relações de poder. In: OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de; BATISTA, Luiz Carlos (Org.). *Espaço & Natureza: a produção do espaço sul-mato-grossense*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009. p. 113-128.

ARROYO, María Mónica. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Encarnação; SOBARZO, Oscar. *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.71-85.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. Corporação e espaço – uma nota. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 1, p. 137-145, jan./mar.1991.

_____. Corporações e práticas espaciais e gestão do território. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.54, n.3, p. 115-121, jul./set..1992.

_____. *Estudos sobre a rede urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. Construindo o conceito de cidade média. IN: SPOSITO, M. E. B. (Org.). *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.

DIAS, Leila Christina. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Geografia: conceitos e tema*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.

FIEMS. *Cadastro industrial 2009*. Campo Grande - MS. CD-R. 2009.

GOMES. Conceição Ap. Queiroz. *Economia leiteira do Bolsão Sul Matogrossense*. Presidente Prudente, UNESP, 1994 (Dissertação de Mestrado).

IBGE. Cidades@. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 10 jun. 2010.

LEFEBVRE, Henry. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LIMONAD, Ester. Urbanização e organização do espaço na era dos fluxos. In: SANTOS, Milton; BECKER, Berta K. et al (Orgs.). *Território, territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 145-170.

MATOS, Ralfo Edmundo da Silva. *Espacialidades em redes: população, urbanização e migração no Brasil contemporâneo*. Belo Horizonte: C/Artes, 2005.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. In: *Espaço e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. *Espaço & método*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *Manual de geografia urbana*. 3 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

_____; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEMAC/MS. Secretaria de Estudo do Meio Ambiente, das Cidades, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul. *Dados Estatísticos de Mato Grosso do Sul*. Disponível em: www.semac.gov.br. Acesso em 11 jun. 2010.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: _____. (Org.). *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.